

**RETALHOS DA FOME: UMA LEITURA CONTEMPORÂNEA DE *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS À LUZ DO BRASIL SOB A PANDEMIA DA COVID-19**

**TAPS OF HUNGER: A CONTEMPORARY READING OF *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, BY CAROLINA MARIA DE JESUS IN THE LIGHT OF BRAZIL UNDER THE COVID-19 PANDEMIC**

**João VITOR DIAS DA CRUZ<sup>1</sup>**

**Roquiline Batista de JESUS<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Nascida no interior de Minas Gerais, desde cedo Carolina Maria de Jesus desenvolveu o seu amor pela literatura. Em seus escritos, a autora traduzia as suas vivências e de todos os seus povos e reverberava, assim, um estilo poético único de Carolina. Dessa forma, nos finais da década de 1950, Carolina Maria de Jesus (2014) escrevia em seu diário o dia a dia de uma mulher, solteira, pobre, negra e mãe solo de três crianças, trazendo à luz a versão mais cruel de nosso Brasil, aquela que empurra as populações menos abastadas para o âmago da miséria. Diante disso, pretendemos discutir a importância da escrita da autora em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, sob a perspectiva de nosso Brasil atual. Para isso, recorreremos a uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico qualitativo/quantitativo, para apontar as aproximações e distanciamentos entre o Brasil de Carolina, nos finais da década de 1950, e o Brasil da Covid-19. Assim, no primeiro momento deste estudo, exploramos a vida e obra da autora mineira e sua ascensão na literatura, para, após, discutir o seu texto frente ao nosso Brasil à guisa da Covid-19, em estado de pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Quarto de despejo*; Carolina Maria de Jesus; Covid-19.

**ABSTRACT:** Born in the countryside of Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus developed her love for literature from an early age. In her writings, the author translated her experiences and those of all her peoples and, thus, reverberated a unique poetic style of Carolina. Thus, in the late 1950s, Carolina Maria de Jesus (2014) wrote in her diary the daily life of a single, poor, black woman and single mother of three children, bringing to light the cruelest version of our Brazil. Thus, the one that pushes the less affluent populations to the heart of misery. Therefore, we intend to discuss the importance of the author's writing in *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, from the perspective of our current Brazil. For this, we used an exploratory research, of a qualitative/quantitative bibliographic nature, to point out the similarities and differences between Carolina's Brazil, in the late 1950s, and the Brazil of

<sup>1</sup> UNEB- Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Salvador – BA – Brasil. Email: jvitor.kiss61@gmail.com.

<sup>2</sup> UNEB- Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Salvador – BA – Brasil. Email: roquilinebatista@gmail.com.

Covid-19. Thus, in the first moment of this study, we explore the life and work of the author from Minas Gerais and her rise in literature, to then discuss her text in front of our Brazil in the guise of Covid-19, in a state of pandemic.

**KEYWORDS:** *Quarto de despejo*; Carolina Maria de Jesus; Covid-19.

## INTRODUÇÃO

Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos. (JESUS, 2014, p. 184)

Contrariando a regra que delegava aos corpos favelados e negros um local abjeto e de falta de condição intelectual, no final da década de 1950, Carolina Maria de Jesus colocava-se frente a esse sistema como um corpo indócil, percebendo as injustiças e as precariedades que o seu povo era acometido. Dessa forma, a literata escrevia para além de uma denúncia, sua escrita reverbera um estilo poético e autêntico para tratar dos mais diversos temas que a autora vivenciava, como, por exemplo, uma paixão não correspondida ou, até mesmo, para tratar com carinho de seu “[...] leito [...]” (JESUS, 2014, p. 25), referindo-se a sua cama com tamanha admiração. Nessa perspectiva, analisaremos a obra de Carolina Maria de Jesus (2014), *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, como uma ferramenta contemporânea, na intenção de entendermos o nosso Brasil atual. Sabendo que a escrita da autora mineira não se resume a condição de vida que ela estava inserida, nosso objetivo é recorrer a contemporaneidade periférica de Carolina, em relação à nossa sociedade presente. Assim, em seu primeiro momento, este estudo analisa a obra de Carolina, nos finais da década de 1950, e, após, como essa escrita periférica da autora nos ajuda a compreender o nosso Brasil pandêmico de 2021.

Nos primeiros momentos do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada por autoridades competentes referente ao grande avanço de pessoas com síndromes gripais, comparados à pneumonia, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Segundo o site eletrônico da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), cientistas de todo mundo trataram de investigar que tipo de vírus era esse que estava se alastrando em grande escala. Dessa maneira, os pesquisadores elucidaram que o vírus que estava em circulação na China tratava-se de uma variante do Coronavírus, a Sars-Cov,

responsável pelas síndromes agudas respiratórias que acometiam os povos chineses. Em pouco tempo, a variante da Coronavírus foi detectada em diversas partes do mundo, fazendo a OMS, nesse mesmo ano, decretar a pandemia da Covid-19 em todo o globo.

Assim, diversas autoridades, ao redor do mundo, se uniram em combate ao avanço do vírus. No entanto, aqui no Brasil, sob a presidência do ex-deputado federal Jair Messias Bolsonaro (PL), o país ia à contramão do mundo, e o próprio presidente duvidava veementemente da letalidade do novo vírus. Diante dessa realidade, o Brasil cresceu no tocante a desigualdade socioeconômica, empurrando as populações menos abastadas para o âmago da miséria e da pobreza. Nessa conjuntura, acreditamos que o Brasil da autora mineira Carolina Maria de Jesus nos aponta caminhos para compreender o Brasil atual. Para tanto, torna-se necessário alertar que, embora haja similitudes na conjuntura política e econômica do Brasil de 1950 e 2020/2021, torna-se necessário alertarmos para os contextos apontados ao longo desta pesquisa.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, no Brasil de 1950, a população brasileira não ultrapassava a marca de 60 milhões de habitantes<sup>3</sup>. Já no Brasil de 2010, essa população cresceu em disparada, chegando à marca de aproximadamente 190 milhões de brasileiros<sup>4</sup>. Dessa forma, com o grande crescimento populacional, a parcela de brasileiros da década de 1950 que passavam por situações de insegurança alimentar, desemprego e falta de acesso aos bem-comum à vida como saúde, lazer e planejamento familiar, foram lançados ainda mais ao cenário de abandono estatal. Assinaladas as diferenças e proximidades dos dois Brasis, partiremos, então, para uma leitura da contemporaneidade periférica da autora.

Presente nos mais diversos campos das artes, a discussão sobre o conceito de contemporaneidade assume um protagonismo devido a sua múltipla interpretação. Nessa perspectiva, o filósofo italiano Giorgio Agamben (2013) faz um percurso analítico e tentar

---

<sup>3</sup> Segundo o levantamento do IBGE, na década de 1950 a população quantitativa de brasileiros era de 51.944.397 de habitantes. Esse mesmo senso elucidou que desse montante 25 mil habitantes se autodeclaravam brancos, 18 mil indígenas e 14 mil negros. O restante da população se autodeclarava de raça e cor diversas. Disponível em: < [IBGE | Brasil: 500 anos de povoamento | estatísticas do povoamento | evolução da população brasileira](#)>. Acesso em 05 de dez. 2021.

<sup>4</sup> Os dados do IBGE, referente ao aumento da população brasileira, são realizadas em um período de 10 em 10 anos. O último levantamento de 2010 apontou que o Brasil disparou no número populacional, porém, em 2020, esse levantamento não foi efetuado, por mandato do então Presidente da República.

trazer uma definição acerca desse operador que tanto tem interessado às ciências humanas. Em suas palavras, o sujeito contemporâneo é aquele que, recebendo os fleches de luz em seu rosto, não deixa cegar-se pela claridade de seu tempo. Isto é, ser contemporâneo, na perspectiva agambeniana, é ser crítico à sua época.

Assim, Agamben (2013) sintetiza que, para alcançar tal esforço, é necessário que o sujeito que esteja inserido em um determinado tempo/contexto, afaste-se dele e, desse modo, mantenha seu olhar para além das prerrogativas que advêm desse espaço. Ao tomar como exemplo a metáfora das luzes, ao se referir aos sujeitos contemporâneos, o filósofo francês Didi-Huberman (2011), no texto *sobrevivência dos vaga-lumes*, recorre às cenas Dantescas da Itália fascista e, nesse contexto, buscar as pequenas luzes que trabalham de modo a resistir as opressões que partem de um poder autoritário. Na teoria de Huberman (2011), os vaga-lumes são metonímias de uma política de resistência, ainda que as grandes luzes trabalhem de modo a dizimar os pequenos fleches, as *lucioles*, eles continuam com o seu brilho em meio a uma multidão de refletores; metáfora utilizada pelo autor para tratar de uma política autoritária.

A noção de contemporâneo, até aqui apresentada, foi proposta por dois autores que, de certo modo, conversam e convergem acerca do pensamento do sujeito contemporâneo. No entanto, na esteira dessa discussão, muitos críticos têm sinalizado para importância da necessidade de ampliar o sentido desse operador. Assim, o professor baiano Jorge Augusto Silva (2018), ao pensar as contemporaneidades periféricas, ressalta a importância de estender esse conceito, de modo a abarcar em sua episteme as populações subalternizadas. Ainda segundo o professor, o contemporâneo não é o espaço de continuidade temporal, no sentido de dar sequência a uma escola artística, como o caso do modernismo, por exemplo. Em suas palavras, “O contemporâneo seria, então, o período histórico posterior a modernidade. Notemos que não se trata da utilização de contemporâneo como sinônimo de pós-moderno, mas como seu substituto” (SILVA, 2018, p. 32).

A partir dessa noção apresentada pelo professor baiano Jorge Augusto (2018), iremos analisar o seguinte problema: de que modo a escrita periférica da autora mineira Carolina Maria de Jesus (2018) ajuda a compreender os meandros do contexto sociopolítico atual brasileiro e a pandemia da Covid-19? Jorge Augusto Silva (2018) sinaliza que a escrita periférica é a escrita da potência e através dela será necessário pensar esse novo campo que

abre as portas para as artes, antes deslegitimadas dentro de um cânone, por excelência, racista e excludente.

## 2 UMA ESCRITORA INSUBMISSA

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. (JESUS, 2014, p. 21)

Em 1914, poucos anos após a abolição da escravatura no Brasil, nascia a autora Carolina Maria de Jesus, na cidade de Sacramento em Minas Gerais. Filha de João Cândido e de dona Maria Carolina de Jesus, a autora mineira teve sua vida marcada pela sua insubmissão e resistência frente aos pensamentos eugenistas que ainda estavam em total vigor no Brasil (FARIAS, 2018). Ainda na juventude, acompanhando sua mãe em suas diárias, como empregada doméstica, Carolina se encantou pelos livros que decoravam a estante onde sua mãe trabalhava. Segundo Tom Farias (2018), em sua biografia sobre a autora mineira, Carolina começou a estudar em um colégio de freiras por vontade de uma antiga patroa de sua mãe. Nessa escola, a escritora aprendeu a ler e, logo após, desenvolveu uma paixão pela literatura. Seu primeiro livro lido em vida foi *a escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (FARIAS, 2018).

Amante da literatura, Carolina Maria de Jesus buscava inspiração nos romances que lia, muitas vezes nas horas vagas dos trabalhos abusivos como uma empregada doméstica. Dessa maneira, ao se envolver cada vez mais com o mundo da escrita, Carolina começaria a dar realidade à sua majestosa vida. Assim, ressalta Tom Farias (2018, p. 51): “Mais tarde, na sua famosa vida de escritora, Carolina Maria de Jesus vai contar histórias com o mesmo tom narrativo, vestidos de realidade, ou seja, com certo teor realista, [...]”. Essa versão reverberada pelo seu biógrafo, fica evidente em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, onde, em diversos pontos de seu diário, ela mostrará seu prazer na literatura.

Desse modo, em seu escrito datado de 21 de julho, Carolina (2014, p. 24), após um longo e exaustivo dia de trabalho, catando papel e outros matérias recicláveis na rua, relata: “Quando cheguei em casa era 23,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do

homem”. Além de denunciar as más condições que corpos iguais aos seus eram alçados, Carolina (2018) tinha, também, um outro ato revolucionário; ter os seus momentos de felicidades, sobretudo na sensação de dever cumprido quando encerrava mais um dia de trabalho e, assim, poderia voltar a escrever. Dessa forma, ela declara: “Sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer.” (JESUS, 2014, p. 25).

Esse diário, que após seu lançamento virou um *best seller* no Brasil, foi escrito nos finais da década de 1950 e publicado originalmente em 1960. Em suas escritas, Carolina Maria de Jesus denunciava a condição aos quais os corpos negros eram lançados. Residente da favela do Canindé, a autora saiu de seu estado de nascença, Minas Gerais, em busca de uma condição melhor de vida. Na recém-criada favela de São Paulo, Carolina construiu sua casa de madeira ao redor de vários vizinhos, com pouca política de segurança pública, saneamento básico e diante da falta de tudo que se faz necessário para uma vida digna.

Nesse ínterim, torna-se importante trazer essa questão das favelas, reverberada por Carolina em sua obra, à luz da discussão proposta pela historiadora Beatriz Nascimento (2021). Para a saudosa professora, o conceito de quilombo, desde seu aparecimento em documentos oficiais, que, segundo ela, está datado do ano de 1559, está em constante mudança. Para Nascimento (2021), os quilombos tiveram origens em terras africanas e sua intenção era, sobretudo, ser resistente ao sistema escravista. Assim, a autora vai nos mostrando como o conceito de quilombo tem-se ampliado. Para a historiadora, na atualidade, as favelas se organizam como uma comunidade quilombola, aquela que, assim como em sua origem, resiste às opressões baseadas na intersecção de raça e classe.

Diante disso, assumindo-se como uma moradora da favela e mãe de três crianças, a literata vivia dos papéis e matérias recicláveis que vendia. Inconformada com as poucas condições de vida que eram dadas aos seus pares, ela transcrevia tudo em seu papel. Assim, em seu escrito datado de 13 de maio, a autora estava ciente da data que comemorava a abolição da escravidão no Brasil, mas lamentava uma outra ditadura, a fome:

... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno, a gente come mais. A Vera [Sua filha mais nova] começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco mais de farinha para fazer um virado [tipo de pirão com água]. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2018, p. 32).

A vida da autora foi marcada por indignação e descontentamento aos não-locais que eram reservados aos corpos iguais ao seu. Vivendo entre a literatura e a fome, a escrita da autora ramificava uma realidade que era velada a todo instante, sobretudo pelos governantes, que se hesitam de seu papel, na garantia de uma vida digna aos moradores da favela. Diante disso, Carolina legitimava sua escrita porque ela era produzida dentro da favela, nas margens sociais, locais de abjeções para o poder público. Em suas palavras: “A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram quem tem o quarto de despejo” (JESUS, 2018, p. 107). A escrita de denúncia da autora está em consonância com o que Jorge Augusto Silva (2018) sinalizou sobre o poder da contemporaneidade periférica, ou seja, a escrita rebelde da autora deslocava a noção de prestígio que sempre foi reservada aos homens brancos.

Nesse ínterim, ao fazer uma análise sobre a potência da escrita da autora, a professora e crítica literária Regina Dalcastagnè (2012), vai nos revelar uma noção de contemporâneo, que conversa com a ideia trazida pelo professor baiano Jorge Augusto Silva (2018). Para Dalcastagnè (2012), o contemporâneo está no prestígio das escritas que partem das margens, aquela que cria e agencia todo o seu povo minoritário. Assim, a professora convoca duas noções acerca da escrita contemporânea, a saber: a escrita exótica, quando alguém fala de uma realidade ao qual não conhece e, ao mesmo passo, a escrita ‘de dentro’, quando quem escreve traduz o que sente e está inserido naquilo que cria. Ao nos mostrar a escrita ‘de dentro’, Dalcastagnè (2012) exemplifica com a literatura de Carolina Maria de Jesus (2018), onde a sua escrita está em consenso com a sua vivência.

Diante disso, reiteramos que este artigo não tem a intenção de reduzir a escrita da autora a sua vivência. Nossa vontade é analisar como a escrita de Carolina (2018), no período do governo do ex-presidente Juscelino Kubitschek, após a abolição da escravidão, continua viva no nosso Brasil de 2021, sob a pandemia da Covid-19 [Sars-cov-2] e pertencente a um governo autoritário. É sabido, no entanto, que para muitos críticos literários a escrita periférica de Carolina não se apresenta como uma literatura. Em contradição a isso, mostraremos a importância de ler a obra literária da autora de modo a entender a nossa sociedade atual.



### 3 O BRASIL DE ONTEM E O BRASIL DE HOJE: PROXIMIDADES E DISTÂNCIAS

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e recomendei para ela calçar. (JESUS, 2014, p. 11)

Avaliando o decorrer das turbulentas seis décadas passadas desde as anotações diárias de Carolina Maria de Jesus, em que registrava suas demandas de vida na constante luta por dignidade, destaca-se sua altivez em denunciar os dismantelos do Estado, percebe-se que pouco mudou em relação ao atual cenário de fome no Brasil pandêmico. De acordo com o levantamento do IBGE em 1960, o processo histórico-social da industrialização promove uma transição sobre os modos de vida e a organização da população brasileira que resultou em aumentar as desigualdades, instituir as grandes favelas e amplificar as mazelas da fome.

Apesar de o Brasil ser considerado um dos maiores produtores mundiais de alimentos, constata-se em pesquisa realizada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa (2020) que o país ocupa atualmente o 4º lugar, sendo o setor que mais concentra renda, diante disso, infelizmente, o privilégio aos benefícios contempla apenas uma pequena parte da população. Os registros de Carolina se expandiram e a vivacidade de sua obra extrapola os limites da favela, traduzida para inúmeros idiomas com uma temática absolutamente atual, uma composição que retrata o sentir na pele a fome. As indagações da escritora que passou a vida catando papel para o sustento familiar reivindicam questões que atravessam os dias atuais. Com o impacto do Covid-19, a sociedade esteve mergulhada em uma crise que se intensificou com as negligências governamentais que apresentam desequilíbrios expostos em todas as esferas sociais.

Diante disso, no final de 2019, o mundo ficou sabendo de novo vírus que estava em circulação na China<sup>5</sup>, até então desconhecido e sem uma procedência de sua origem. Dias após o anúncio desse novo vírus, vários países entraram em quarentena por conta da rápida

---

<sup>5</sup> TOZZI *et al.* *Você sabe como surgiu o coronavírus Sars-cov-2?.* **Coronavírus: secretaria de estado de saúde de Minas Gerais.** Belo Horizonte. 2021. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus>>. Acesso em 09 Nov. 2021.



propagação. Sem muitas informações acerca dele, até então, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já conscientizava a população de todo o mundo para manter cuidados básicos, como: lavar as mãos, usar álcool em gel e fazer a higiene da residência após chegar de locais com grande movimento, além de evitar aglomerações. Em contrapartida às recomendações propostas pela OMS, o então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, descreditava o vírus e duvidava de sua letalidade (O GLOBO, 2020).

Os efeitos dessa contrapolítica de Jair Bolsonaro logo surtiram. Um ano após o registro do novo vírus em solo brasileiro, o país bate recorde de desemprego e atinge 14,4 milhões de pessoas (ESTADO DE MINAS, 2021). Além disso, no mesmo período, o Brasil chegava a triste marca de mais de 280 mil vítimas para a covid-19 (HOMERO, 2021). Tudo isso culminou em uma crise provocada pela escassez de políticas públicas em combate ao vírus. Não obstante, o nosso país atinge outra triste marca: com o advento da pandemia e a ineficácia de um governo, 19,1 milhões de brasileiros estão vivendo no âmago da fome, ressalta Rocha (2021).

O levantamento da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (REDE PENSSAN), publicado pelo mesmo site do jornal eletrônico *CNN Brasil* (2021), aponta que, entre as populações que foram empurradas para a miséria são pessoas que residem em favelas e de raça negra. O dado apresentado aqui, não leva em conta a outra população que passam por insegurança alimentar leve ou grave. O relatório da pesquisa aponta para um retrocesso instituído pela crise sanitária trazida pela pandemia e acolhida pela política da negação. Segundo o influente médico nordestino Josué de Castro (1984), em estudos para a sua obra *Geografia da fome*, a defasagem alimentar no Brasil não se baseia por ausência de recursos naturais nem contingente populacional, mas por intenção econômica e política.

Nessa triste perspectiva, retomando a obra da autora mineira, a fome sempre foi um problema que atravessou o Brasil em suas mais diversas épocas, e, independente do contexto, todos os tempos apontam para uma única questão: a falta de política pública no combate à pobreza, seja no Brasil de 1958 ou na conjuntura atual. Carolina (2014) sempre se manteve lucida em relação ao contexto que ela estava inserida. Sabendo do poder da literatura como um agente revolucionário, ela elucidava: “...Os políticos sabem que sou poetisa. E que o poeta

enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (JESUS, 2014, p. 39). A fome de Carolina (2018) ia além da necessidade física de comer, gerir alimento. A fome dela é a fome de diversos brasileiros, uma fome de justiça, uma fome de serem reconhecidos enquanto sujeitos e sujeitos políticos, sobretudo a população negra que, como apontou a pesquisa do Rede Penssan, são as que estão na linha de frente de uma política autoritária e desigual. Em suas palavras, “...O Brasil precisa ser dirigido por quem já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, 2014, p. 29).

Ao dosar lucidez, estilo poético e revolta em sua escrita, Carolina (2014) agencia a narrativa de todo o seu povo, utilizando da literatura como fonte de enunciação e, sobretudo, de vida (DELEUZE, 2011). Se a fome era constante no Brasil da década de 1950, segundo ressalta a autora, ela encontra-se maior no Brasil de 2021, como apontaram os dados ao longo desta pesquisa. Desse modo, sempre incisiva e com leituras perspicazes sobre sua época, a literata reconhece: “Eu classifico São Paulo assim: o palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2014, p. 32). Nessa base analítica, a literatura periférica de Carolina Maria de Jesus (2014) mostra-se como um artefato excelente para a compreensão de nosso contexto atual. Em seu livro, a autora aborda como os favelados são vistos como não-humanos e, por tal fator, carente de políticas governamentais que garantam o direito de vida digna de ser vivida.

## **O PASSADO REFLETE NO FUTURO: À GUIA DE CONCLUSÃO**

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se [...] (DELEUZE, 2011, p. 11)

Em seu livro *Crítica e clínica* (2011), o filósofo francês Gilles Deleuze reflete sobre a literatura e a vida. Em suas palavras, o ato de escrever se complementa ao ato de revolucionar. Ou seja, quem escreve entra em um constante devir e, dessa forma, agencia todo o seu povo consigo. Nessa perspectiva, a autora mineira Carolina Maria de Jesus (2014) já denunciava as condições em que os seus povos eram alçados. Inserida em um contexto de exclusão e opressão dos povos negros, Carolina Maria de Jesus se lançou frente a esse sistema como um

corpo indócil, que não se contentava com os não-locais que os seus eram inseridos. Diante disso, a literatura contemporânea periférica de Jesus (2014) localiza-se entre o ato de transgressão e um estilo poético próprio da autora.

A partir de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, elucidamos a importância de ler a obra de Carolina Maria de Jesus (2014) a fim de compreender nossa conjuntura social e política atual. No primeiro momento deste artigo, exploramos a vida da autora e sua consolidação enquanto uma literata e, adiante, confrontamos o Brasil de Carolina com o Brasil de 2020/2021 à luz da pandemia da Covid-19. Embora tenhamos embasado ao longo deste estudo, há certas aproximações e distanciamentos entre esses dois Brasis. No primeiro, a população era menor e não vivia sob uma crise sanitária alavancada pela pandemia. No segundo, a população disparou em crescimento e ainda sofre com o advento do vírus da Covid-19. Dada as principais diferenças, esses Brasis se unem nos seguintes aspectos: escassez de políticas públicas no combate à fome; falta de investimento em saúde, em educação, em segurança e saneamento básico. As vítimas dessas contrapolíticas, ainda, continuam sendo as populações negras, pobres e periféricas.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. “O que é o contemporâneo?”. In: \_\_\_\_\_. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2013. p. 55-73

APÓS um ano de pandemia, Brasil tem recorde de desempregados. Estado de Minas. Minas Gerais. 30 abr. de 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/04/30/interna\\_internacional,1262081/apos-um-ano-de-pandemia-brasil-tem-recorde-de-desempregados.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/04/30/interna_internacional,1262081/apos-um-ano-de-pandemia-brasil-tem-recorde-de-desempregados.shtml). Acesso em: 07 nov. de 2021.

BOLSONARO volta a minimizar pandemia e chama Covid-19 de 'gripezinha'. O Globo. Rio de Janeiro. 14 out. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>. Acesso em: 09 de nov. de 2021.

CASTRO, Josué. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições antares, 1984.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DELEUZE, Gilles. “A literatura e a vida”. In: \_\_\_\_\_. Crítica e clínica. Tradução de Peter Pal Pelbart. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 11-17.

DID-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Trad. de CASA NOVA, Vera e ARBEX, Márcia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FARIAS, Tom. Carolina: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

HOMERO, Valquíria. *Depois de 1 ano da 1ª morte, covid já mata uma pessoa por minuto no Brasil*. Poder 360. Brasília. 17 mar. de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/1-ano-de-covid-no-brasil/depois-de-um-ano-da-1-morte-covid-ja-mata-um-por-minuto-no-brasil/>. Acesso em: 07 nov. 2021.

JESUS, Maria Carolina de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”. In: Alex Ratts (org.). Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2021.

ROCHA, Daiane. *Fome avança e atinge 19,1 milhões de brasileiros*. CNN Brasil. Rio de Janeiro. 05 out. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/fome-avanca-e-atinge-mais-9-milhoes-de-brasileiros-nos-ultimos-dois-anos/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

SILVA, Jorge Augusto. Contemporaneidades periféricas. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.

TOZZI *et al.* *Você sabe como surgiu o coronavírus Sars-cov-2?*. Coronavírus: secretaria de estado de saúde de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus>. Acesso em 09 Nov. 2021.